



---

## Caderno2

**Orfeu embalado em clássicos**  
Sucessos posteriores de Tom e Vinícius, como *Água de Beber*, são incorporados ao musical de 1956

DARYAN DORNELLES

---

*Chega de Saudade, A Felicidade, Água de Beber e O Morro Não Tem Vez* foram compostas por Tom Jobim e Vinicius de Moraes entre 1958 e 1963 – bem depois de iniciada a irmandade que renderia as mais belas canções à música brasileira. São músicas, portanto, que não estavam no primeiro projeto em parceria do músico e do poeta, o espetáculo *Orfeu da Conceição*, de 1956. Mas entraram na nova montagem, rebatizada apenas de *Orfeu*, que estreia na quinta-feira, no Rio.

O diretor-geral do musical, Aderbal Freire-Filho, e os diretores musicais, o violoncelista Jaques Morelenbaum e o violonista Jaime Alem, tiveram a anuência das famílias Jobim e Moraes para acrescentar esses clássicos à trilha original, de sete temas, que embala as cenas de amor e dor do casal Orfeu e Eurídice e de seus amigos e inimigos num morro carioca.

O músico Paulo Jobim, primogênito de Tom, inclusive, dividiu o trabalho com Morelenbaum até um mês atrás, quando acabou substituído por Alem (teve de atender a outros compromissos profissionais).

Houve um consenso de que “o grande clássico dos musicais brasi-

# NOVOS ACORDES PARA ORFEU

Remontagem de musical de 1956 tem canções de Tom e Vinicius posteriores à peça

leiros, o mais importante”, nas palavras de Aderbal – e também o público – só ganharia ao se acrescentarem outras joias do repertório dos dois: *Mulher, Sempre Mulher, Um Nome de Mulher, Eu e o Meu Amor, Lamento no Morro* e aquele que se tornaria um dos hinos da dupla, *Se Todos Fossem Iguais a Você*. Em 1h30, são 40 inserções musicais.

“Não há registro falado nem em vídeo da montagem original, mas imaginamos que num espetáculo de no mínimo duas horas haveria outras músicas, que se perderam”, conta Morelenbaum. “Resgatamos o *Tema da Eurídice*, música instrumental que Tom compôs para o espetáculo, mas nunca recebeu letra, e o

*Tema da Dama Negra*, uma peça pequena que nunca foi gravada.”

Morelenbaum tocou na Banda Nova, com Tom (1927-1994), por dez anos. Eles começaram a trabalhar juntos numa época em que o maestro, desgostoso, se recusava a fazer shows, ainda abalado com a morte de Vinicius (1913-1980). As novas companhias o reanimaram. E Tom virou referência eterna em sua carreira de compositor e arranjador.

**Cuidado.** O zelo com que suas músicas estão sendo executadas, da forma como ele as concebeu há 54 anos, é uma prova: “Tenho essa vontade de preservar o legado do maestro. Ele

é tão reproduzido e gravado no mundo inteiro, mas muitas vezes não olham o original, fazem de memória. O próprio João Gilberto faz isso.”

Para Alem, que é maestro de Maria Bethânia há 25 anos mas não chegou a conhecer bem Tom Jobim, o momento é de glória. “Eu tocava de orelhada, e agora aprendi coisas muito interessantes a partir das partituras originais do Jobim. Eu sempre fui alucinado por ele, e sinto uma grande frustração por não ter convivido com ele”, diz. “O que acho interessante do espetáculo é a sensação de que toda a obra

deles é o *Orfeu*.” Os dois diretores conversaram com o Estado nos bastidores dos ensaios, semana passada. Entre uma pergunta e outra, mulatas de saltos altíssimos e roupas coloridas, personagens da favela onde vive Orfeu da Conceição, passavam de um lado para o outro.

Se a montagem de 56, que entrou em cartaz também no mês de setembro, tinha o enorme palco (e o fosso) do Teatro Municipal do Rio, e foi embalada por uma orquestra – um dos instrumentistas, aliás, era Henrique Morelenbaum, pai de Jaques –, agora a história é outra: a estreia será no Canecão e, no próximo mês, a peça segue por São Paulo (HSBC Brasil, de 23 a 26 de setembro), Brasília, Goiânia, Porto Alegre e Curitiba.

A solução foi reduzir a banda ao violoncelo de Morelenbaum, o violão de Alem, e mais João Carlos Coutinho (teclado), Zero Tel-

les (percussão), Rômulo Gomes (baixo), Marcelo Bernardes (sopro) e Ronaldo Silva (bateria).

**Adaptação.** Em 1996, Haroldo Costa, o primeiro Orfeu, remontou e dirigiu a peça, em comemoração aos seus 40 anos. A trama, que fora replicada no premiado *Orfeu Negro*, de Marcel Camus, em 1959, chegaria ao cinema brasileiro só em 1999, dirigida por Cacá Diegues.

Na versão de Aderbal, Vinicius está no palco, na figura do Poeta (Wladimir Pinheiro) – assim como amigos seus da vida real. A cenografia, que no original ficou a cargo de um Oscar Niemeyer pré-Brasília, é, agora, de Marcos Flaksman. A coreografia é de Carlinhos de Jesus.

É uma oportunidade oferecida a novas gerações, inclusive a dos atores, com idades em torno de 20 e 30 anos, de desfrutar um repertório que não perde o frescor, e de acompanhar uma incrível história de amor.



MARCO DE PALLAVAE

CENTENAS DE CANDIDATOS DE TODO O PAÍS FIZERAM OS TESTES

## O REPERTÓRIO

- Água de Beber
- A Felicidade
- Este Seu Olhar
- O Que Tinha de Ser
- Serenata de Adeus
- Frevo de Orfeu
- O Morro Não Tem Vez
- Chovendo na Roseira
- Samba do Avião
- O Nosso Amor
- Um Nome de Mulher
- Lamento no Morro
- Eu e o Meu Amor
- Mulher, Sempre Mulher
- Se Todos Fossem Iguais a Você
- Chega de Saudade

**Diretores musicais.** Jaime Alem, maestro de Bethânia, e Jaques Morelenbaum, que tocou dez anos com Tom Jobim

## NOS PAPÉIS PRINCIPAIS, ATORES BAIANOS

Se você pensa que é impossível um brasileiro adulto desconhecer as músicas de Tom e Vinicius, especialmente as listadas acima, está enganado. Baiana, Aline Nepomuceno, a atriz que interpreta Eurídice, jamais tinha escutado boa parte delas.

“Só conhecia as que tocaram em novela. Cresci ouvindo Rita Lee, Raul Seixas, Tim Maia...” Dois meses depois, quanta diferença! Aline, que saiu de Salvador e está morando no Morro do Vidigal, grudou o ouvido no MP4, ensaiou, ensaiou, e já se sente confortável não só com as canções, mas com o universo de *Orfeu*.

Aderbal trouxe da Bahia não só Aline, mas os outros dois atores principais: Orfeu é interpre-



**Do dendê.** Aline Nepomuceno, Érico Bras e Jéssica Barbosa

tado por Érico Bras, o divertido Reginaldo do filme e da série da Globo *O Pai Ó*, dirigidos por Monique Gardenberg (Aline participou só da série; era Dandara).

Destaque do Bando de Teatro Reginaldo do filme e da série da Globo *O Pai Ó*, dirigidos por Monique Gardenberg (Aline participou só da série; era Dandara).

as audições), Bras está encantado com a oportunidade.

“Talvez fosse mais fácil para um carioca, porque nós viemos de outra realidade musical. Mas fizemos um mergulho no universo de Tom e Vinicius. Foi fenomenal!” Quem vive Mira, a antagonista, é a também baiana Jéssica Barbosa.

São 16 atores negros em cena, dois a menos do modo como Vinicius idealizou. O que Aderbal deseja é que o novo *Orfeu* possa se tornar um marco do teatro, tal qual o original.

“Existem outros musicais brasileiros, mas a maioria vem de fora. Nos americanos, o público conhece uma ou outra música. Aqui, vai cantar quase tudo”, afirma o diretor. /R.P.

## O NASCIMENTO DE UMA DUPLA FUNDAMENTAL

● Possivelmente a parceria – e a bossa nova – se daria de qualquer jeito, mas é irresistível até pensar que tudo que Tom e Vinicius fizeram de bonito nasceu por obra de *Orfeu*.

Diplomata e poeta respeitado, Vinicius já tinha quase pronto o espetáculo, uma transposição do mito grego de Orfeu e Eurídice para uma favela do Rio. Precisava de um músico para terminar sua ópera popular negra – uma peça, ele não sabia, que se tornaria lendária na história do moderno teatro brasileiro. Pensou em Vadico, antigo parceiro de Noel Rosa, mas achou o parceiro perfeito em Tom, um compositor ta-



**Orfeu e Eurídice.** Haroldo Costa e Dirce Paiva

lento, então desconhecido, e em busca de sustento. E nunca mais nossa música seria a mesma. /R.P.